

## Os ninjas da embolada

De segunda a sábado, em algum horário entre às 08:30 e às 14:00, os trens barulhentos que circulam na linha 8-Diamante da ViaMobilidade recebem visitas esporádicas de uma dupla que entra despercebida e que permanece dessa forma enquanto as portas do vagão seguem abertas.

O mais jovem também é o mais discreto: chega vestindo uma camiseta azul-escuro justa, um short jeans e acessórios pretos (tais quais boné, pequena bolsa, tênis e máscara de pano), ao passo que o outro integrante, em plena meia idade, usa praticamente as mesmas vestes só que mais chamativas, incluindo uma camiseta alaranjada que contém uma grande estampa do rosto de Luiz Gonzaga (já dando indícios do que está por vir quando as portas se fecharem). O alarme do trem soa indicando o fechamento das portas e, por consequência, ocorre a evaporação da discrição dos dois membros da dupla, que sacam os seus respectivos pandeiros semiescondidos das mini bolsas redondas, quase que em sincronia, enquanto o mais jovem surpreende anunciando no alto e bom som da sua voz estridente: “Senhoras e senhores! Calma, calma que isso aqui não vai ser um assalto. Vai ter show com a dupla de ninjas da embolada mais famosa do Estado de São Paulo e região: eu sou o Palhaço Delícia e estou com o poeta Azulão da Mata”. O show sai do prólogo com Azulão da Mata encontrando a base do ritmo no pandeiro e Palhaço Delícia rimando a estrofe introdutória:

**Beira mar, beira mar  
Beira mar é maré cheia  
Vejo o mar beijando a areia  
E a areia beijando o mar**

O vagão então torna-se um palco, ainda que dissonante, simpaticamente do gracejo, da rima e do riso do passageiro. Com variações entre as métricas de quatro e de seis versos, os artistas vão alternando suas estrofes entre si, o que faz com que, enquanto um dos dois canta, o parceiro já esteja analisando o entorno e pensando em escolher um possível personagem para sua brincadeira, geralmente se sustentando nas mais diversas concepções arquetípicas contemporâneas pensadas pela dupla e que são encontradas esporadicamente no cotidiano – “tais quais o careca que perdeu o cabelo de tanta inteligência, a mulher trabalhadora, a criança abençoada, o palmeirense que não tem Mundial ou o idoso jovial”.

Aos poucos, os artistas vão surfando pelo vagão e cantando uma estrofe por passageiro, captando a atenção de olhos alheios, ora fissurados pela movimentação barulhenta, ora por um interesse genuíno. A divisão de atos do show é quase que realizada por intermédio das ocasionais paradas nas estações, que, geralmente, trazem não só mais passageiros ao vagão, como também vendedores do *Shopping Trem* – “pururuca a R\$ 2”; “fone esportivo da Samsung por R\$ 10”; “pomada massagedora de R\$ 33” –, que circulam de um lado para o outro, percorrendo todo o trem, quase como se estivessem anunciando no espaço de intervalo da programação da dupla de artistas.

Passadas três estações, o que totaliza uma atração de cerca de 10 minutos, a dupla é aplaudida por uma considerável parte dos passageiros e pede contribuições de bom coração (mas deixam bem claro que também aceitam contribuições que não vêm de bom coração). Os versos dos pandeiros percorrem os corredores com moedas e notas de R\$ 2 e R\$ 5 em seu interior até o momento em que as portas se abrem novamente e os artistas anunciam o encerramento do show:

“Valeu, pessoal. Espero ter tornado a viagem mais alegre, mais agradável. Agora o nosso próximo show vai ser fora do Brasil”, diz o mais jovem.

“E onde é isso?”, questiona o parceiro da voz embolada.

“No vagão da frente”, retruca.

No instante em que a dupla firma os pés acelerados na estação de Osasco, Palhaço Delícia e Azulão da Mata se ausentam temporariamente e revelam ser as personas de Romário Faustino Nascimento (27) e Cícero Jaime (51), respectivamente. Em questão de segundos já estão no próximo vagão, com os personagens encarnados novamente.